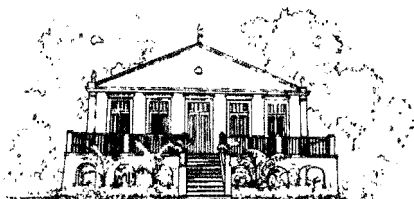


PR/SCT/CNPq  
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI  
COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

**TALENTO E ATITUDE:**  
Estudos Biográficos do Museu  
Emílio Goeldi, I.

Oswaldo Rodrigues da Cunha

Belém – Pará  
Outubro 1989



PR/SCT/CNPq

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

**PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**

Presidente: José Sarney

**SECRETARIA ESPECIAL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

Secretário: Décio Leal de Zagottis

**CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO  
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**

Presidente: Crodowaldo Pavan

Vice-Presidente: José Duarte de Araújo

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

Diretor: Guilherme M. de La Penha

Vice-Diretor de Pesquisas: José Guilherme Soares Maia

Vice-Diretor Executivo: Celso Martins Pinto

**COMISSÃO DE EDITORAÇÃO**

Presidente: Guilherme M. de La Penha

Vice-Presidente: Adélia E. de O. Rodrigues

Apoio Editorial: Lais Zumero, Graça Overal e Lairson Costa

Cunha, Osvaldo Rodrigues da.

Talento e atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi, I/Osvaldo Rodrigues da Cunha. - Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

160 p.: il. - (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira)

ISBN: 85-7098-031-2

1. PESQUISADORES-Biografia. 2. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI-Pesquisadores. I. Título.

CDD: 925

CDU: 929

© Direitos de cópia/Copyright 1989  
por/by PR/SCT/CNPq Museu Goeldi

## Agradecimentos

Em singelas palavras o autor faz questão de agradecer em princípio a atenção e o empenho que o diretor do Museu, Dr. Guilherme M. de La Penha, vem manifestando com grande interesse às pesquisas científicas específicas da instituição e aos respectivos estudos históricos, restaurando alguma parcela do passado e publicando trabalhos neste campo, a fim de que a memória de homens e

eventos não venha a desvanecer-se definitivamente. Agradecemos também a Lais Zumero, da Comissão de Editoração do Museu, pela revisão cuidadosa e paciente da parte literária e pelo veemente interesse que vêm demonstrando para que o presente trabalho fosse o quanto antes publicado e também por outros em vias de o serem.

## Sumário

Apresentação . . . . .	12
Prefácio . . . . .	14
Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1880) . . . . .	20
Francisco da Silva Castro (1815-1899) . . . . .	48
Edgar Leopold Layard (1824-1900) . . . . .	54
Joaquim Pedro Correa de Freitas (1829-1888) . . . . .	59
José Ferreira Cantão (1827-1893) . . . . .	62
José Coelho da Gama e Abreu (1831-1906) . . . . .	65
Charles Frederick Hartt (1840-1878) . . . . .	69
Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912) . . . . .	77
Herbert Huntington Smith (1851-1919) . . . . .	80
Maria Elizabeth Emflia Sneathlage (1868-1929) . . . . .	83
Carlos Estêvão de Oliveira (1880-1946) . . . . .	103
Rodolpho de Siqueira Rodrigues (1884-1957) . . . . .	122
Paul Vincent Ledoux (1898-1984) . . . . .	138
Walter Alberto Egler (1924-1961) . . . . .	150

# Apresentação

Sonhar e observar, defender-se e buscar sobreviver, ensinar e educar, comunicar e informar, organizar e gerar conhecimentos são todas as ações e atitudes que se mesclam nos perfis da mulher e dos homens que o Pesquisador *Oswaldo Cunha* traça neste trabalho.

Toda nova geração adota novos padrões, novos líderes, novas crenças, novos mitos e enquanto fazem isso com entusiasmo acumulam, sem saber, experiência para vir a valorizar - ao chegar a fase de ceder sua vez - o trabalho daqueles que a antecederam. Infelizmente sempre se chega tarde à real história da ciência, mas felizmente nunca o suficientemente tarde para que dela não se possam tirar lições.

O *Museu Goeldi* atual é fruto das contribuições de dezenas de homens ao longo de doze décadas. *Oswaldo Cunha*, cientista respeitado, autodidata admirável, na madureza de sua carreira se dispõe a levar a cabo o projeto de buscar retratar as parcelas maiores na construção do todo hoje existente. Ele o faz não com o instrumental do historiador profissional, mas com o viés de um autor com experiência análoga a de seus retratados: a disciplina do trabalho científico, o cansaço da liça

pelo reconhecimento que nunca chega em vida, o treino no debate constante da ciência por sobreviver no ambiente hostil amazônico e brasileiro.

Dos sonhos e decepções do fundador *Ferreira Penna* à realidade e fatalidade de *Walter Egler*, *Oswaldo Cunha*, nesta primeira série, traça um perfil temporal de uma instituição ainda em continuada construção, sob a ameaça da adversa realidade sócio-econômica nacional.

*Oswaldo Cunha* orgulha duplamente o *Museu Goeldi*. De um lado por sua contínua e diversificada produção, desde a juventude, e que passa por quase todas as disciplinas de que se ocupa este *Museu*; de outro, por documentar a tradição de uma instituição que sempre buscou manter seu ideal filomático graças ao esforço, trabalho, zelo e competência daqueles aos quais nunca foi dada a oportunidade de decidir sobre os rumos da Amazônia; só o de trilhar suas sendas, desvendar parte de seus segredos, sonhar em seus mistérios e lamentar sua destruição.

6 de Outubro de 1989

Guilherme M. de La Penha  
Diretor Geral  
MPEG/CNPq/SCT

## Prefácio

A história de um povo, de uma nação, de uma instituição científica, artística e cultural é feita por homens e mulheres. O homem fez a História e a História fez o homem. A História não é poesia e nem romance, cuja descrição fica exposta ao sabor das idéias e maquinações de um autor inventivo e prolífico. A História é uma atividade científica que nos dá a conhecer o passado da humanidade, a vida de uma pessoa em particular e a sua manifestação na ciência, na arte, na música, na religião e na filosofia.

“Evidentemente, o conhecimento histórico é um conhecimento científico, ainda que sua exposição seja ao mesmo tempo uma arte”. Assim se expressou o historiógrafo espanhol Luiz Pericot Garcia (“El Estudio de La História” em *Enciclopedia Labor*, 1958 (5):XXI-XL), abordando o estudo do passado.

É certo que não podemos compreender o presente sem conhecermos o passado. Este conceito é atribuído a Alexis de Tocqueville (1805-1859), célebre magistrado e pensador francês. O caminho mais equilibrado para compreendermos os acontecimentos históricos, os en-

tendidos afirmam, é conhecendo e estudando a vida das pessoas que mais influenciaram o desenvolvimento dos acontecimentos. Por isso, a biografia bem elaborada e coordenada com imparcialidade e analisada através das fontes documentais confiáveis, reconstitui uma época e tudo o que as personagens mais salientes daquele cenário contribuíram para o progresso ou retrocesso da sociedade humana.

Os estudos biográficos no Brasil, aliás tema de suma importância para o nosso país, jamais tomaram delineamentos científicos e históricos com encadeamento. Ocorrem apenas trabalhos esparsos, incompletos e sem precisão no tempo e no espaço, salvo algumas exceções no século passado como a antiga obra de Augusto Sacramento Blake (1827-1903), o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, publicado em 7 volumes entre 1883 e 1902. No atual século apareceram alguns pequenos e grandes dicionários e enciclopédias com biografias-miniaturas de literatos, políticos, militares, artistas, médicos e profissões outras, além de tratarem de termos gerais de cunho interna-

cional e brasileiro.

A história da pesquisa científica no Brasil e seus cientistas sempre foi relegada a plano medíocre e parcial. O primeiro trabalho importante sobre a história da ciência no Brasil foi publicado por uma equipe de pesquisadores, com certeza livro pioneiro, *As Ciências no Brasil*, organizado por Fernando de Azevedo e editado pelas Edições Melhoramentos, em dois volumes (S. Paulo, 1955), entretanto muito defeituoso e parcial no que diz respeito à Amazônia, suas instituições científicas e seus cientistas no passado, até a época da publicação do livro.

Mais recentemente foi publicada a *História das Ciências no Brasil*, coordenado por Mário G. Ferri, já falecido, e Shozo Motoyama. É obra em três volumes, patrocinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Editoras Pedagógica e Universitária Ltda. (São Paulo, 1979/1981), com colaboração da Universidade de S. Paulo. Com uma versão mais ampla e atualizada sobre o desenvolvimento da Ciência no Brasil que a anterior, pelo conjunto de matérias abordadas, este trabalho, no entanto, deixa ficar muita coisa por informar e é, às vezes, incompleta e discordante. Pouco ou quase nada se refere à Ciência e cientistas na Amazônia. Sempre o mesmo defeito e mesma metodologia adotada: uma parte do Brasil, desgraçadamente, não conhece a maior porção do País, que é a Amazônia. Sofrem nesse caso principalmente a Zoologia, Botânica, Antropologia, História, Medicina, e disciplinas afins.

No Pará, até quase os dias atuais, a história científica e a biografia de cientistas têm sido uma lás-

tima e uma indigência de memória pelo passado que mais parece uma terra sem história e sem existência, apenas mostrando a indiferença e o atraso em que o Estado tem vivido. É mais uma vergonha que um castigo. No século passado e no atual, quase nada se escreveu sobre este importante tema, muito pouco e esse mesmo fica desejar.

O Museu Paraense Emílio Goeldi, a mais antiga instituição científica da Amazônia e uma das primeiras no Brasil, tem uma longa história de 123 anos e, no entanto, até 25 anos atrás, pouco ou nada existia escrito sobre ele. Dos cientistas que aqui trabalharam ou outros que emprestaram sua contribuição de alguma forma, nada se conhecia – a não ser algumas notas discrepantes e geralmente incorretas nas datas e na especialidade, apenas tratando de Emílio A. Goeldi e Jacques Huber.

Em 1938 o Diretor Carlos Estêvão de Oliveira publicou um “Resumo Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi”, inserto na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Rio de Janeiro* (volume 2, páginas 7 a 19). Este trabalho tinha sido o melhor então realizado, infelizmente incompleto, cheio de lacunas e erros, que no final não informou e nem esclareceu questões que ficaram no vácuo. Carlos Estêvão, como Diretor do Museu, tinha condições para pesquisar mais profundo e redigir melhor, mas não o fez. Entretanto, uma contribuição mais correta e documentada foi apresentada por Hélio F. Camargo, antigo pesquisador do Departamento de Zoologia de São Paulo, hoje Museu de Zoologia da Universidade desse Estado (USP), com o título: “Pequena contribuição ao estudo da

História do Museu Paraense Emílio Goeldi” (*Ciência e Cultura*, 1951, volume 3, nº 1, páginas 61 a 68). O trabalho aborda aspectos da vida de Emílio Goeldi, Godofredo Hagemann, Jacques Huber e Emília Sneathage.

Finalmente, o centenário do Museu Paraense estava aproximando-se em 1966 e até então nada se sabia sobre os instantes de sua criação e nem sequer se conhecia o nome das pessoas que concorreram para esse memorável evento, exceto o de Domingos Ferreira Penna. Em vista disso, o autor do presente trabalho empreendeu no início dos anos 60 uma paciente pesquisa nos documentos dispersos aqui, ali e acolá em arquivos e bibliotecas, que tratassem ou informassem qualquer coisa sobre o Museu em geral e sobre as pessoas que nele trabalharam ou para ele emprestaram a sua prestimosa colaboração. Em 1966 uma *sumária*, correta e bem intencionada história do Museu Paraense Emílio Goeldi já estava elaborada e publicada no jornal “A Província do Pará”. Daí aos dias presentes, procuramos sempre ampliar o leque da pesquisa histórica desta instituição, acrescentando informações e esclarecendo períodos obscuros e descobrindo dados particulares com minúcias elucidativas e veracidade cristalina.

No decorrer das pesquisas sobre o passado do Museu, passamos a buscar informes exatos, tanto quanto possíveis, acerca das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento da instituição desde suas origens. Em si, a parcela mais difícil, exaustiva e demorada da história do Museu, porque as pessoas de origem estrangeira que nele trabalharam ou para ele contribuíram, tiveram de certa forma notas de óbito à época do faleci-

mento em revistas alemãs, inglesas, norte-americanas e outras, nem sempre acessíveis no Pará. Quanto aos brasileiros, também existia certa dificuldade, em vista das informações sobre estas pessoas que às vezes não eram encontradas, outras apareciam apenas em notas do dia do falecimento publicadas em jornais de Belém no século passado ou no atual. Algumas pequenas biografias de certas pessoas mais importantes encontram-se em livros, dicionários, enciclopédias ou determinadas revistas científicas, culturais e de caráter geral. A maioria dessas biografias são incompletas, discordantes em datas e eventos e nem sempre ligaram o indivíduo ao convívio do Museu Paraense.

Nos últimos vinte anos o Dr. Ricardo Borges (1886-1975), nascido na Bahia, advogado, economista e conhecedor dos problemas da Amazônia, onde viveu 66 anos no Pará, ficou chocado pela deficiência de biografias das personagens relevantes à história do Estado. Foi induzido então a escrever sobre a vida dos homens que fizeram essa história. Um trabalho abnegado o do Dr. Ricardo Borges, que resultou na publicação do livro *Vultos Notáveis do Pará*, editado em 1970 pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará e republicado em segunda e ampliada edição em 1986 pelo Centro de Estudos Jurídicos do Pará (CEJUP), em comemoração do seu centenário. Sem dúvida, é o melhor livro de biografias que se publicou no Pará, não tanto pelo número de biografados, como pelas informações históricas de diversas épocas nelas contidas. Entretanto, está longe de ser completa. Além de conter incorreções, lapsos e grandes lacunas sobre cientistas, na-



turalistas e pesquisadores em geral, sejam paraenses ou estrangeiros, a obra de Ricardo Borges não preenche o vácuo da história da ciência no Pará e nem relembra aqueles sábios que aqui lutaram contra a ignorância, pois aí se encontram menos de dez nomes, assim mesmo com notas sumárias e algumas incorreções de datas.

Por fim, para não fazermos injustiças, referiremos o esforço realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em promover o "Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia no Pará", nos dias de 17 a 21 de junho de 1985 no qual foram abordadas as instituições, a UFPA e temas científicos por vários professores e pesquisadores. O Museu Paraense foi representado pelo ex-Diretor, Dr. José Seixas Lourenço, o qual apresentou um sumário histórico e as suas linhas de atividades até então. Os trabalhos foram publicados pela UFPA em 1985, em dois volumes, com o título *Anais do Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia*. As anotações de José Seixas Lourenço se encontram no segundo volume, nas páginas 447 a 460. Também inserimos aqui o recente trabalho "Médicos de outrora no Pará", do Dr. Clóvis Meira, médico e professor universitário, publicado em Belém em 1986 com 479 páginas.

As biografias que apresentamos aqui são o resultado de nossas pesquisas durante os últimos trinta anos, algumas foram publicadas em jornais, revistas e livros em Belém e o restante inédito. Foram elaboradas em épocas diversas de modo que tiveram de passar por rigorosa revisão de texto e atualizadas. Este trabalho engloba quatorze estudos biográficos,

dos quais alguns mereceram uma atenção especial e, portanto, contêm um aprofundamento de informações mais minuciosas de acordo com a contribuição e a maior representatividade que a pessoa em questão teve no desenvolvimento do Museu Paraense Emílio Goeldi, na pesquisa científica ou no aspecto administrativo. Esse conceito vale também em relação ao Pará e extensivamente ao Brasil.

No conjunto geral, já temos uma lista de algumas 70 pessoas, na qual se incluem as quatorze agora apresentadas, que em nossa opinião merecem ser biografadas, em maior ou menor amplitude, conforme a sua importância e contribuição que deram nos termos acima referidos. O presente livro faz parte de uma série de biografias, que deverão ser publicadas em futuro próximo, e desde já podemos dizer que o segundo volume poderá ser redigido pelo autor. Daí para diante, outros pesquisadores, habilitados e com a necessária paciência, poderão completar as biografias e outras que por ventura venham a aparecer no futuro. A nossa tarefa tão cheia de dificuldades foi iniciada e cumprida, não no todo como sempre desejamos, mas parcialmente. Resta muito ainda por fazer, principalmente no que diz respeito à história geral do Museu Paraense e para tanto já redigimos históricos sobre a Zoologia, Geociências, Biblioteca, Parque Zoo-Botânico e assuntos correlatos. A pesquisa meteorológica foi resgatada no trabalho de Osvaldo Cunha e Therezinha Xavier Bastos em *A Contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à Meteorologia na Amazônia (Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 23, 86 páginas, 1973)*.

Com essas contribuições tão exatas quanto reais, é nossa esperança que possamos ajudar aos que nada sabem sobre o Museu Paraense a conhecê-lo melhor, a fim de que em dias vindouros ele venha a ser mais decisivamente auxiliado, amparado e preservado como um santuário ina-

lienável e resguardado da inépcia de más pessoas, para que o seu futuro seja tranqüilo e a ciência que nele se pratica reverta em benefício às gerações futuras, engrandecendo, assim, o Pará, a Amazônia e o Brasil.

Oswaldo Rodrigues da Cunha



## Rodolpho de Siqueira Rodrigues

(1884-1957)

Na longa história do Museu Paraense Emílio Goeldi, inúmeros servidores prestaram relevante colaboração ao desenvolvimento e sobrevivência da instituição científica, nenhum porém se salientou mais e por maior espaço de tempo do que o Sr. Rodolpho de Siqueira Rodrigues. Durante 60 anos ininterruptos prestou ele prestimosos serviços, abnegadamente, sempre lutando para fazer crescer o Museu Paraense, enquanto enfrentava, também com grandeza de ânimo, graves crises financeiras, sem visar a lucros e a interesses que não fossem os do órgão a que servia, de modo honesto e sensato.

O Sr. Siqueira Rodrigues passou quase toda a sua vida no interior do Museu, onde se fez homem, envelheceu e faleceu, não no ócio ou descanso da aposentadoria, mas em atividade, quando, no ocaso da vida, foi homenageado com a função de adido à atinga Divisão de Botânica do Museu. Os 60 anos de atividade de Siqueira não permitem uma narrativa minuciosa, de modo que destacaremos os momentos mais importantes de sua folha funcional, acompanhados de alguns informes de sua

vida particular. Siqueira Rodrigues completara, no dia 3 de março de 1984, o centenário de nascimento e, por esse evento, foi prestada uma homenagem a sua memória para que a sua lembrança não se esvança com o passar do tempo e para que a sua vida seja um exemplo a quantos jovens venham, no presente e no futuro, trabalhar no Museu.

Rodolpho Siqueira Rodrigues nasceu em Belém a 3 de março de 1884. Seus pais foram o Sr. Jayme de Siqueira Rodrigues e D. Maria Portugal de Siqueira Rodrigues. Quase nada sabemos de sua infância que deve ter sido como a de todo menino de sua época. Depois de ter completado naturalmente o curso primário, o rapazinho sentia a necessidade de aprender um ofício, talvez mais essencial do que um emprego em si. Já com a idade de 13 anos, Siqueira sentiu que a natureza o chamava para um contacto mais íntimo com as plantas e com os animais. E a Amazônia, com o seu exuberante ecossistema, então em grande parte intacto, inclusive nos arredores de Belém, era o ambiente certo para uma vocação decidida. O Museu Pa-

raense já existia, e com as reformas empreendidas pelo Governador Lauro Sodré, Emílio Goeldi, Jacques Huber e outros, a partir de julho de 1894, a recém-restaurada instituição entusiasmava os jovens de Belém, oferecendo uma nova opção nos restritos officios e empregos da cidade, que crescia em todos os sentidos naquele fim de século. Havia, assim, da parte do Museu um motivo preponderante para despertar nos jovens a vocação pelas Ciências Naturais e talvez o gosto por uma carreira científica. Em julho de 1894, o Artigo 24 do Regulamento do Museu Paraense, aprovado por Lauro Sodré, estipulava que o Museu podia admitir "praticantes que queiram dedicar-se ao estudo da História Natural, quando disto não resulte inconvenientes ao serviço do Museu, a juízo do Diretor". E, para transformar este Artigo em realidade, Emílio Goeldi divulgava pelos jornais da cidade e também pelo Diário Oficial do Estado o seu apelo aos jovens da terra para que ingressassem no novo Museu do Pará, que nessa fase precisava da colaboração de todos.

E não demorou muito para que rapazes atendessem ao seu chamado. Seleccionados, foram, contudo, poucos os que venceram esse vestibular voluntário, porque Emílio Goeldi era justo, mas muito rigoroso na avaliação dos diversos cargos técnicos e administrativos que compunham a estrutura do Museu. Ele não aceitava nem admitia a preguiça, o desinteresse pelo serviço, a incapacidade, a desonestidade, enfim, a "malandragem", como denominamos hoje esses defeitos. O Sr. Siqueira Rodrigues foi dos poucos que conseguiu preencher os requisitos exigidos por Goeldi para os praticantes do

officio escolhido, que ficaram durante um ano sob rigoroso treinamento e observação. Assim, o jovem Siqueira ingressou no Museu em junho de 1897, contando 13 anos de idade. O seu estágio ou tirocínio como chamavam tinha sido positivo e a tal ponto produtivo que, seis meses depois, o próprio Emílio Goeldi podia informar prazerosamente ao Governador, em Relatório de janeiro de 1898, o seguinte sobre aquele menino praticante: "Aqui é a ocasião de levar ao conhecimento do governo, que veio o momento para remunerar de ora em diante, de alguma forma os serviços que já vai prestando o Sr. Rodolpho de S. Rodrigues, moço inteligente, que durante este ano relatorial aprendeu como voluntário gratuito, na oficina taxidérmica. Este meio consistiria na sua nomeação interina para segundo ajudante de preparador de zoologia".

Em 1897 contava o Museu com dois zoólogos, Emílio Goeldi e Hermann Meerwarth e mais o 1º preparador Ernst Clément, o 2º preparador de zoologia Joseph Schoenmann, além do 3º preparador João Batista de Sá, sendo estes os orientadores iniciais de Siqueira Rodrigues. Promessa de nomeação feita por Emílio Goeldi, normalmente, não permanecia na conversa ou no papel, ela tinha de ser cumprida. Goeldi era um administrador justo, sensato, correto e equânime para com seus subordinados cumpridores dos deveres funcionais. Fazendo jus a tal procedimento, Emílio Goeldi endereçou ao Governador Paes de Carvalho um officio datado de 6 de julho de 1898, cujo teor é aqui transcrito por se tratar de uma peça que marcou definitivamente a carreira técnica e administrativa do Sr. Siqueira nos 60

anos seguintes:

“Exmo. Sr. Governador

O cidadão Rodolpho de Siqueira Rodrigues que por um espontâneo voluntariado durante um ano provou a seriedade do seu intento de habilitar-se para o serviço da Seção Zoológica do Museu Paraense, de modo que hoje já se pode qualificar de elemento útil ao estabelecimento e julgando esta Diretoria ser medida de equidade remunerar futuros serviços deste talentoso moço, dando-lhe ao mesmo tempo ocasião para ulterior aperfeiçoamento nos misteres taxidérmicos, resolve propô-lo para um dos lugares de ajudante de preparador de zoologia, previstos tanto pelo regulamento como pelo orçamento em vigor, sendo a data de sua nomeação de 1º de julho corrente”.

Por índole e norma administrativa, Emílio Goeldi poucas vezes lançou mão de apologia para enaltecer os predicados de alguém, a menos que o merecesse de fato. O Sr. Siqueira foi várias vezes elogiado por Goeldi quando desejava promovê-lo, particularmente quando o benemérito Diretor do Museu teve de deixar Belém em 1907, o que vamos narrar mais adiante. Assim, por meio do apoio do Diretor do Museu, o Sr. Siqueira ingressou no serviço público do Estado, onde teve oportunidade de galgar todos os degraus da hierarquia técnico-administrativa do Museu Goeldi, por força apenas de seu trabalho e retidão de caráter, até a sua aposentadoria em 1945.

A nomeação foi aprovada e logo efetivada pelo Governador a 9 de julho desse ano, para a função de 2º Preparador de Zoologia, que englobava a taxidermia e a entomologia.

Em 1898, continuavam como preparadores de Zoologia o suço Joseph Schoenmann e João Batista de Sá e como preparador de Botânica o jovem Manoel Pinto de Lima Guedes, cujo pai, Coronel Aureliano Pinto Guedes, havia trabalhado em colaboração com Emílio Goeldi durante os anos de 1894 a 1896, em excursões científicas no antigo Contestado do Amapá. Manoel de Lima Guedes, contemporâneo de Siqueira Rodrigues, porém 3 anos mais antigo na função e que tanto prometia, não teve a felicidade de viver tanto quanto este, vindo a falecer em 31 de janeiro de 1902. Siqueira Rodrigues viria a substituir o seu colega como preparador de botânica, pelo zelo e experiência adquiridos. Automaticamente seria promovido a um cargo mais elevado, por proposição de Emílio Goeldi e o apoio do botânico Jacques Huber. No Relatório de 1902 ao Governador Augusto Montenegro, Goeldi podia novamente enaltecer Siqueira Rodrigues, então com 18 anos, informando que o mesmo “rapidamente se orientou nos misteres do novo posto, constituindo-se em elemento útil, zeloso e trabalhador da Seção de Botânica”.

Depois do falecimento de Jacques Huber, em fevereiro de 1914, como Diretor do Museu, a situação financeira do mesmo começou a decair cada vez mais, agravada sobretudo pela desvalorização abrupta da borracha e deixando o Governo do Estado e muita gente na penúria. Logo depois, sobreveio a Primeira Guerra Mundial, criando maiores obstáculos ao comércio da Amazônia, que, com o passar dos anos, gerou uma situação de decadência para a região.

Momentos graves estavam re-

servados ao Museu do Pará, após 1914. O Governo do Estado, sem recursos financeiros para manter aquele padrão elevado do tempo da euforia dos primeiros 10 anos deste século, mantinha em quase abandono suas principais repartições. O Museu foi o órgão que mais sofreu os efeitos dessa situação calamitosa, porque tinha necessidade de manter a sua linha de pesquisa, viagens, compra de livros e publicações, impressão de trabalhos, conservação de coleções, pagamentos elevados a cientistas, técnicos e auxiliares, a manutenção do Parque Zoo-Botânico, etc. Quase todos esses itens foram aos poucos sendo suspensos, um a um, até que na década de 1920 a 1930, os serviços do Museu se achavam paralisados, funcionando apenas precariamente o zoológico. Jacques Huber, como vimos, falecera quase que repentinamente em 1914; Adolpho Ducke, outrora perito entomólogo, que se transformara depois em botânico, deixara o Museu em 1918, passando a servir no Jardim Botânico do Rio; Emília Snethlage, abnegada ornitóloga e Diretora do Museu, suportando privações e vexames contra sua honorabilidade, em 1922, retirou-se para o Museu Nacional. Outros servidores de igual importância abandonaram o Museu ou morreram. Nessa situação de decadência restaram em atividade o Sr. Siqueira Rodrigues e demais auxiliares amazônicos, lutando, sob condições precárias, para não deixar desaparecer o patrimônio do Museu, constante da Biblioteca, coleções zoológicas (principalmente aves, mamíferos e insetos), botânicas (como o precioso herbário), antropológicas (material indígena de sumo valor) e arqueológicas (como as peças cerâmicas de Marajó, Cunani,

Maracá e outros). Siqueira Rodrigues foi então conservador, o guardião de tudo isso, para que o desmazelo, o abandono ou o saque não transformasse esse patrimônio apenas em lembrança de um passado que não ressurgiria tão cedo.

Por meio da Portaria de 26 de maio de 1914, o Governador Enéas Martins nomeou Siqueira Rodrigues para exercer efetivamente o cargo de auxiliar da Seção de Zoologia. Nessa ocasião, pareceu que o Sr. Siqueira, então com 30 anos de idade e 17 de serviço público, teria sido rebaixado de função, pelo menos é o que supomos, pois desde 1902 ocupava o cargo de preparador de botânica, provisoriamente. Não conseguiria, então efetividade em nenhum dos dois cargos anteriores. Entretanto, por decreto do Governador Lauro Sodré (que pela segunda vez governava o Pará), de 26 de março de 1918, é nomeado para exercer o cargo de chefe da Seção de Zoologia em comissão, em vista da ausência do zoólogo titular. Isto ocorreu porque Emília Snethlage, chefe da respectiva Seção e Diretora do Museu, havia sido afastada de qualquer função pública por ser cidadã germânica e nessa época o Brasil rompera as relações com a Alemanha Imperial. Em 1918, Siqueira Rodrigues percebia na chefia da Seção de Zoologia 6:000\$000 (seis contos de réis) e antes, como auxiliar da mesma Seção, ganhava 3:200\$000 mais 1:600\$000 de gratificação, ao todo 4:800\$000 (quatro contos e oitocentos mil réis).

Com o término da Grande Guerra, em novembro de 1918, e o conseqüente reatamento das relações comerciais e diplomáticas com a Alemanha, o Governador reintegrou nos cargos de chefe da Seção de Zo-

ologia e de Diretora interina do Museu, Emília Snethlage, que assumiu a 1º de junho de 1919, voltando o Sr. Siqueira ao cargo de auxiliar de Zoologia.

Entretanto, há ainda a considerar que entre os anos de 1914 e 1919, o Sr. Siqueira Rodrigues assumiu várias vezes, interinamente, a Diretoria do Museu, revezando com Emília Snethlage e Adolpho Ducke, conforme os momentos disponíveis destes dois cientistas, pois ambos excursionavam continuamente para o interior do Estado, nesse período. Assim, Siqueira Rodrigues estava transformando-se, pelas circunstâncias em "pau para toda obra".

Ele vinha, pois, constituindo-se o homem indispensável para a manutenção das atividades do Museu, acumulando cargos ou substituindo funcionários. Era o homem de confiança para essas situações, as quais se acentuariam nos anos seguintes.

Em fevereiro de 1921, assumiu o Governo do Estado o Dr. Antonino Emiliano de Souza Castro, um ilustre médico, segundo opinião de seus colegas contemporâneos e atuais, mas, para o povo de Belém da época, um péssimo administrador. Seu governo foi um desastre econômico, político e, pior ainda, administrativo. As medidas que tomou para regularizar as finanças combatidas do Estado foram de reflexo negativo em todos os setores da vida do Pará. As repartições públicas foram completamente emagrecidas de verbas para o seu movimento normal. Os contemporâneos falam que naquele negro período, entre 1921 e 1925, o quadriênio de Souza Castro, os funcionários públicos tinham seus vencimentos atrasados de meses. O Museu Goeldi nem

sequer escapou de medidas vexatórias, ao contrário, foi o órgão mais violentamente atingido nos cortes de verbas. Decididamente Souza Castro foi um dos que mais contribuíram para o declínio do Museu, ajudado por mais dois governadores que o seguiram, Dionízio Bentes e Eurico Vale. O descalabro administrativo se tornou rotina nessa época, até 1930, com apadrinhamentos e conluios políticos; deprimente coronelismo e suas seqüelas.

Pelo Decreto 3.806 de 5 de março de 1921, Souza Castro estipulava várias medidas de contenção de despesas, que poria em prática em seu governo. Em relação ao Museu Goeldi determinava a restrição de pessoal para a metade; no custeio geral reduzia a verba de vinte e quatro contos para 12; suprimiu as verbas de viagens, aquisição de livros, publicações e outros materiais, além de auxílio. Obrigou, ainda, o Museu a contribuir com verbas obtidas das entradas no Parque Zoo-Botânico e com venda de animais que aí proliferassem. Pela adoção dessas medidas e entraves de ordem particular, a notável cientista Emília Snethlage, a última pesquisadora da fase de Goeldi a manter-se no Museu, foi obrigada a abandonar a instituição que ajudara a crescer, transferindo-se para o Museu Nacional. Ela nada mais tinha a fazer nesta terra que, a passos longos, regredia para a intolerância e ignorância cultural. Morria a pesquisa no Museu. Nele ficara, para enfrentar os dias tormentosos do futuro, o Sr. Siqueira, o recém-Diretor nomeado Antônio O' de Almeida e alguns poucos auxiliares abnegados.

No período de 1919 a 1921 houve alterações administrativas no Museu com relação ao Sr. Siqueira.

Assim, em Portaria de 1920, o governo extinguiu o cargo de auxiliar da Seção de Zoologia, mas, pelo Decreto de 4 de abril de 1921, ele era colocado como adido ao Museu, com a incumbência de auxiliar a Diretoria, ainda durante a administração de Emília Snethlage. No entanto, quando esta cientista se demitiu do cargo, foi nomeado Diretor, a 1º de junho de 1921, o médico Antônio O' de Almeida, que se mostraria incompetente e incapaz de conter a maré de degradação em que o Museu mergulhara.

É necessário referir, ainda que rapidamente, o esforço feito, pelo menos duas vezes, para salvar o Museu nessa fase calamitosa por que estava passando; a primeira vez em 1921/22 e ainda em 1925/28, pelo então Senador da República Lauro Sodré, quando encetou acordo com o Governo Federal, para encampar o Museu, infelizmente sem resultado; a segunda vez foi por sugestão do Diretor O' de Almeida, que achava certa a federalização do Museu, mas anexado ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Esta hipótese havia sido idéia da própria Direção daquele instituto científico, sem resultado algum. Em ambas as ocasiões, as entabulações adiantaram-se bastante, pensando as pessoas encarregadas das mesmas que se concretizassem. Entre elas, o Sr. Siqueira teve papel relevante. Na década de 1930, novas sugestões foram levantadas pelo Diretor Carlos Estêvão de Oliveira, para que o Governo Federal encampasse ou ajudasse com verbas o Museu Paraense, a fim de concretizar seus fins e propósitos. Getúlio Vargas, amigo de Carlos Estêvão, interessou-se pela idéia, mas, devido ao período da Segunda Guerra Mundial

e à derrocada do Estado Novo, a proposição ficou na conversa e nos protocolos. A concretização desse projeto veio somente depois que foi criado, em 1951, o Conselho Nacional de Pesquisas e, em 1953, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, com o acordo de dezembro de 1954.

O Sr. Siqueira passaria novamente, em 1922, por modificações funcionais. Por meio da Portaria de 24 de janeiro desse ano, o Governo o reconduziu ao cargo de auxiliar da Seção de Zoologia, que havia sido restabelecido pelo artigo 7º, tabela 22, da Lei 2.067 de 14 de novembro de 1921, em virtude do tempo de serviço que contava naquele cargo.

Em Portaria do Governo, o Sr. Siqueira foi designado para substituir o Diretor em 9 de setembro de 1925. Em 4 de dezembro do mesmo ano, foi de novo nomeado para a Diretoria do Museu, em virtude da ausência de O' de Almeida. Em 9 de setembro de 1927, foi novamente designado para substituir o Diretor. Por fim, o governo resolveu nomear o Sr. Siqueira Rodrigues, por ato de 2 de janeiro de 1928, para o cargo efetivo de Subdiretor do Museu. Depois disso, o Sr. Siqueira ficou na Direção no período de 6 de setembro de 1928, até dezembro, de 9 de setembro de 1929 até dezembro e, finalmente, de 6 de setembro de 1930 até começo de outubro. Estava então Siqueira Rodrigues com 46 anos de idade e 33 anos de serviços prestados ao Museu Emílio Goeldi. Era, também, o funcionário mais antigo, guardando recordações de um passado que não voltaria. Nessa idade, Siqueira Rodrigues tinha sentido a vida em toda a sua plenitude e usufruído a convivência de superiores como Emílio Goeldi, Jacques Huber, Godofredo



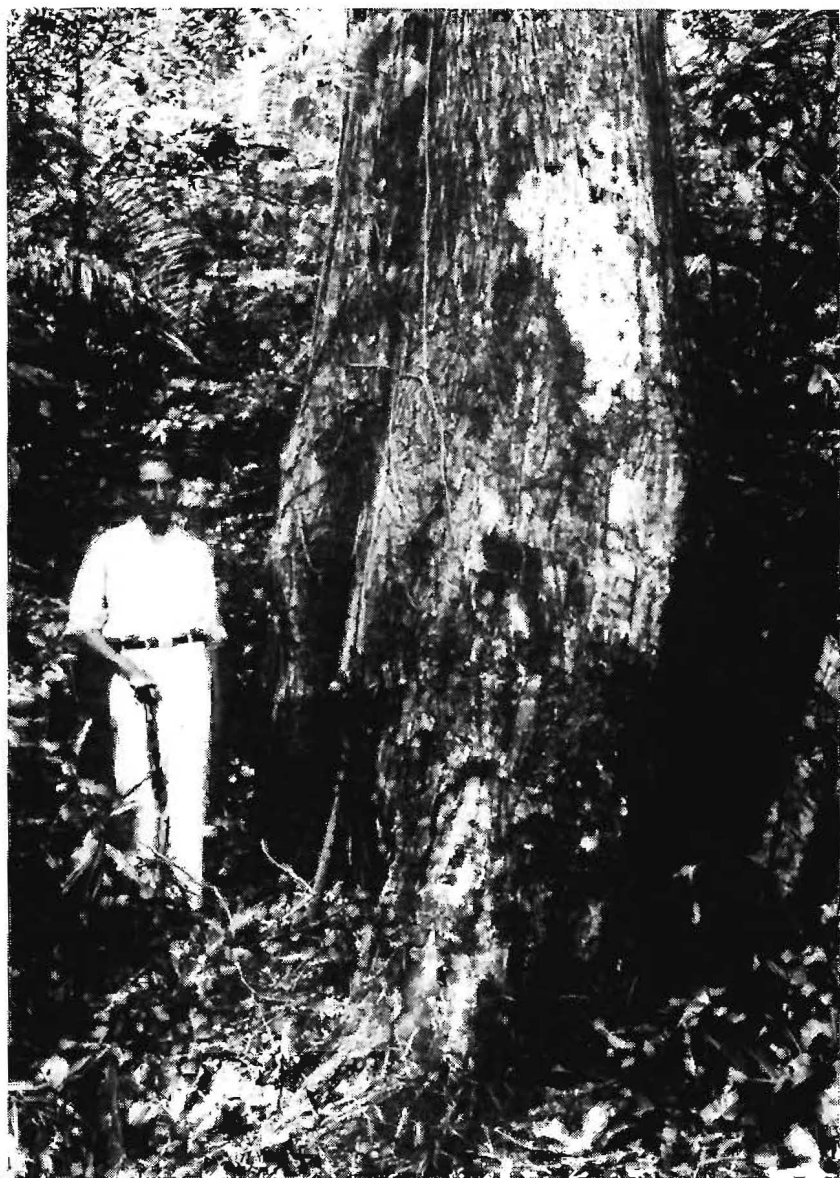
Hagmann, Aureliano Lima Guedes, Emília Snethlage, particularmente, Adolpho Ducke, Curt Nimuendajú, Rodolpho Schuller e de inúmeros colegas como Ernst Lohse (o exímio pintor e litógrafo), Joseph Schöenmann, Manoel Lima Guedes, André Goeldi (primo de Emílio Goeldi), João Batista de Sá, Oscar Martins, Abigayl Esther de Mattos, que veio a ser sua esposa, e tantos outros que já tinham deixado o Museu ou haviam morrido. O Sr. Siqueira foi também contemporâneo do Barão de Marajó, Dr. José da Gama e Abreu, antigo Diretor do Museu, no final do Império e na República, muito amigo de Goeldi e do novo Museu. O Sr. Siqueira guardava lembranças incríveis e enternecedoras da "belle époque", o mais belo e despreocupante período deste século, de 1900 a 1910, em que ele viveu intensamente os melhores anos de sua vida, entre os 16 e 23 anos de idade.

Nos anos de 1946 a 1957, o autor desta biografia teve a felicidade de conviver muito intimamente com o Sr. Siqueira, que então morava em uma casa do Museu, junto ao portão da rua Nove de Janeiro. Pudemos constatar, então, que o Sr. Siqueira, com 65 anos, vivia exclusivamente das lembranças do passado. Sua fisionomia se transfigurava, com os olhos brilhando, a voz suave, tranqüila e pausada, recordava aqueles bons tempos, muito particularmente os anos da "belle époque". Para ele os dias presentes não tinham comparação com os anos que antecederam a queda da borracha e a 1ª Guerra Mundial.

Muitas vezes falou-nos o Sr. Siqueira de uma viagem que havia realizado à Europa, em companhia de Emílio Goeldi, uma distinção e um

passeio turístico que o Governo do Estado lhe presenteara, em tratamento de saúde, como recompensa de sua assiduidade ao serviço e interesse funcional pelo Museu. Não temos certeza do ano e época em que foi feita tal viagem, mas deve ter sido entre os anos de 1903 e 1905, durante as muitas viagens que Emílio Goeldi fazia a congressos científicos, na França, Suíça e Alemanha. Parece-nos que a viagem durara de 2 a 3 meses, e no itinerário figuraram Portugal e França, pelo menos. Lembrou-se com saudade dos momentos passados em Paris, então em plena "belle époque". O Sr. Siqueira jamais esqueceria essa época de ouro, o melhor de sua existência, quando tinha 20 a 21 anos de idade. Não se esqueceria, também, porque uma parte da viagem fora realizada na companhia de Emílio Goeldi, circunstância que o deixara envaidecido para o resto da vida. Em Paris, o Sr. Siqueira comprara roupas, perfumes, sapatos, lenços etc., com o valorizado mil réis brasileiros. Para ajudá-lo a não esquecer esse sonho vivido, o Sr. Siqueira guardou religiosamente uma peça de cada coisa comprada, que 45 anos depois, mostrava-nos, com muitas explicações. Não encontramos até agora referências oficiais à licença do Sr. Siqueira, mas, sem dúvida, ela se realizou mediante autorização que desconhecemos.

Voltemos à fase que vai de 1925 a 1930, quando Siqueira Rodrigues era o esteio do Museu Goeldi. Durante esse período, como já vimos, o Sr. Siqueira respondeu pela Diretoria do Museu várias vezes, no impedimento do Dr. Antônio O' de Almeida, que era, então, além de médico oftalmologista, político militante. Ocupava uma cadeira no Senado



*R. Siqueira Rodrigues, em 1910, durante trabalho de campo.*

do Congresso do Estado e, por isso, deixava o Museu durante a legislatura, enquanto o Sr. Siqueira, o homem de confiança, ficava resolvendo as agruras de um órgão em decrepitude propositada. Nesses anos terríveis, o Sr. Siqueira era o Diretor, o caixa-financeiro, o curador de zoologia, de botânica, de etnologia e de arqueologia; vistoriava o parque e cuidava dos animais e do horto, com a ajuda de alguns auxiliares. Procurava com todo o rigor manter intacta a Biblioteca do Museu, sujeita a saques e à destruição natural do tempo e de insetos daninhos. Era uma época difícil para conseguir os alimentos dos animais, pela deficiência de verbas, embora o Matadouro do Estado fornecesse a carne em quantidade razoável. Nessa contingência, muitos empregados do Museu passaram miséria e por isso não podia exigir deles muito serviço. Desde 1921, o Museu era aberto à visitação pública das 8 às 11 da manhã e das 2 às 6 da tarde, cobrando os ingressos de 400 mil réis nos dias de semana e 200 mil réis aos domingos. Como vimos antes, Souza Castro forçou o Museu a contribuir com o dinheiro para o combalido erário do Estado, fosse através das entradas, fosse por meio da venda de animais do parque. Siqueira Rodrigues foi assim levado a ser contabilista e prestar contas à Secretaria de Finanças dos valores arrecadados e gastos em qualquer serviço do Museu.

A Revolução de outubro de 1930 encontrou o Sr. Siqueira na Direção do Museu, substituindo O' de Almeida que se achava no Congresso do Estado. No dia 6 de outubro desse ano, soldados revoltados, vagando diante do Museu pela Avenida da Independência, queriam en-

trar no recinto do parque. Naquele instante achava-se perto o incomparável desenhista Ernst Lohse, coautor de tantos trabalhos notáveis, entre eles o "Álbum das Aves Amazônicas" de Goeldi, e antigo servidor do Museu. Chamado pelos soldados para que os deixasse entrar, porque queriam água ou porque pretendiam entrincheirar-se, Lohse disse que falaria com o Diretor Siqueira para a devida licença, mas, ao dar as costas, um dos componentes do bando disparou o fuzil, abatendo o desenhista-litógrafo bem próximo à escadaria do prédio central, na época sede das exposições e da Diretoria.

Alguns instantes depois, o Sr. Siqueira, informado do ocorrido, veio ao local em que se encontrava Lohse caído e, para aproximar-se dele, arrastou-se pelo chão, com receio de ser baleado também. Ao topar com Lohse, este respirava de modo muito débil, falecendo logo depois, quando era puxado pelo Sr. Siqueira até o prédio onde se aloja hoje a Diretoria do Museu. Lohse tinha um pequeno furo nas costas, mas o peito todo dilacerado, por onde saía a bala. Siqueira Rodrigues ficou tão abatido com a morte do amigo que nunca se esqueceu do ocorrido. E, sem nada poder fazer no momento, cuidou do enterro, que se realizou no dia seguinte, quando serenaram os ânimos, saindo do pavilhão central do Museu.

A Revolução triunfante suprimiu imediatamente as casas legislativas do Estado, de modo que o Diretor Antônio O' de Almeida retornou ainda ao cargo, mas logo foi demitido e substituído pelo professor Ernesto Barandier da Cunha, em 10 de novembro de 1930. No dia 20 do mesmo mês, o Dr. Carlos Estêvão de

Oliveira é nomeado Diretor do Museu pelo Interventor Capitão Joaquim Magalhães Barata.

O novo Interventor instalara no Pará a ditadura, que ocorria em todo Brasil. Um Governo violento e repressivo que procurou logo estabelecer normas através de decretos. O Museu Emílio Goeldi, apesar do momento difícil, foi o órgão estadual que mais atenções mereceu de Magalhães Barata, logo de início e durante todo o seu Governo, que durou até abril de 1935. O Diretor, Carlos Estêvão de Oliveira passaria a ser o executor das ordens do Major Barata no soerguimento do Museu, então empobrecido por mais de 10 anos de quase abandono governamental. Pelo Decreto nº 525, de 2 de novembro de 1931, Magalhães Barata alterou a denominação do Museu Goeldi, estabelecida por Paes de Carvalho em dezembro de 1900, para Museu Paraense Emílio Goeldi. Nos ideais revolucionários de 1930 a xenofobia ocupava lugar destacado e, por isso, Magalhães Barata, inflamado de nacionalismo regional, decidiu que o Museu devia ser paraense, tal como havia sido fundado, mas também prestava justa homenagem a Emílio Goeldi, em virtude dos inúmeros serviços prestados ao Brasil.

A nova situação foi aceita por Siqueira Rodrigues, pois o que ele desejava em verdade eram melhores condições para o Museu, mais verbas e mais atenção do governo. De novo o incansável Conservador do Museu começou a suportar profundas alterações funcionais, devidas a modificações no quadro científico e administrativo do Museu. Assim, no dia 27 de fevereiro de 1931, foi nomeado pelo Interventor para exercer efetivamente o cargo de 1º Oficial

e também encarregado da Seção de Zoologia, da Escrituração e do Caixa do Museu. Algum tempo depois, o Interventor nomeou o Sr. Siqueira, em 2 de janeiro de 1934, para o cargo de Assistente de Zoologia. Nessa ocasião, já contava 50 anos de idade e 36 de serviço no Museu, mas, apesar disso, Siqueira não esmoreceu, nem se abateu com o trabalho, a dissimulada indiferença e muitos estorvos. Permaneceu nos cargos, servindo aos interesses exclusivos do Museu durante mais de 10 anos, até o final da administração de Carlos Estêvão, em dezembro de 1944. Neste ano, solicitou sua aposentadoria, que lhe foi concedida pelo então Interventor interino Lameira Bittencourt, em 15 de fevereiro, no cargo de Assistente da Seção de Zoologia. Ao aposentar-se com 61 anos de idade e com 47 de serviço, desde a primeira vez em que havia sido nomeado, no distante ano de 1898, além de mais um ano de estágio, quando, em 1897, entrara no Museu com 13 anos de idade.

Supomos que o Sr. Siqueira Rodrigues nunca teve predileções pela política partidária, que tanto avassalou o Pará nas épocas de maior fervor da República Velha, nos tempos do laurismo e lealismo, de 1900 a 1930, e depois no exagerado regionalismo do baratismo, chefiado por Magalhães Barata e apoiado por seus ferrenhos correligionários. O único interesse do Sr. Siqueira foi sempre servir ao Museu Paraense Emílio Goeldi. Por isso atravessou os períodos mais acesos desses partidarismos, ileso das injunções políticas, merecendo a confiança de todos os Governos que se sucederam nos 60 anos de vida que dedicou ao Museu, sem sofrer pressões ou ser incomodado

pessoalmente, mas, ao contrário sendo respeitado e considerado por todos. Mesmo aposentado em 1945, o Sr. Siqueira teve permissão dos governadores para continuar morando com a esposa na pequena e modestíssima casa cedida pelo Museu, até o fim de seus dias, em 1957.

Pelo acordo efetuado a 7 de dezembro de 1954 entre o Governo do Estado e o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), órgão do antigo Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), o Museu Paraense seria administrado pelo Governo Federal durante 20 anos, renováveis conforme os interesses dos dois lados. O Dr. Olympio Ribeiro da Fonseca, então Diretor do INPA e principal promotor do Convênio, ao chegar ao Museu, em 1954 e depois em abril de 1955, ao assumir temporariamente a direção do órgão, no lugar do Diretor Dr. Armando Bordalo da Silva, encontrou aqui o Sr. Siqueira já envelhecido e alquebrado pelo tempo. Contaram ao Dr. Olympio da Fonseca a odisséia de Siqueira Rodrigues, confirmada depois por ele mesmo, para manter tanto quanto lhe foi possível o patrimônio do Museu nos anos de crises mais agudas. O Dr. Olympio, reconhecendo os valores e os esforços do Sr. Siqueira, resolveu prestar-lhe uma homenagem, como recompensa de seu passado, admitindo-o como Assessor na nova Divisão de Botânica, encarregado especialmente do precioso herbário, além de permitir que o mesmo continuasse morando na mesma casa do Museu, tendo sido ele, por sinal, o último servidor com esta regalia, tão justa. Além de sua aposentadoria do Estado, muito exígua, o novo Diretor, Dr. Walter Egler, em 1956, arbitrou-lhe um sa-

láro de 3.500 cruzeiros, na época bastante razoável.

Mas o Sr. Siqueira pouco tempo teve de vida para usufruir desses benefícios, pois, no dia 23 de agosto de 1957, foi acometido de uma ameaça de derrame cerebral, quando se encontrava no prédio da Botânica (hoje ocupado pelo Departamento de Antropologia), seu local de trabalho, tendo sido logo socorrido pelos colegas, em especial pelo Dr. Eduardo Galvão, então chefe da Divisão de Antropologia e muito amigo do Sr. Siqueira. Nessa ocasião o Dr. Walter Egler, Diretor, encontrava-se ausente, em excursão. O Sr. Siqueira, levado para sua casa, logo se recuperou do incômodo, de tal modo que no dia seguinte, 24, bem disposto e muito lúcido, preparava-se para encaminhar-se à Botânica, quando foi fulminado por um inesperado enfarto do miocárdio, vindo a falecer em seguida. Como preito derradeiro do Museu Paraense, cuja Direção no momento era exercida pelo Sr. Pedro Santos, chefe de Administração, resolveu ele autorizar o custeio dos funerais, sendo o corpo velado em câmara ardente no pátio da frente, então coberto, do prédio central, antigo local das exposições do Museu (hoje exposições temporárias). O enterro saiu no dia 25 para o Cemitério de Sta. Izabel, com acompanhamento dos amigos e colegas.

O Sr. Siqueira Rodrigues era um homem de paz, moderado, de caráter ilibado, trabalhador, suave ao falar, cordato no modo de dirigir-se às pessoas. Vestia-se muito simplesmente, de paletó, quase sempre de gravata, mantendo uma pose de cavalheiro. Era muito conservador, mas jovial ao recordar o seu tempo de juventude e a convivência com Goeldi,

Huber, Haggmann, Sneathlage e Ducke. O Sr. Siqueira vivia do passado.

A 5 de setembro de 1928, com 44 anos, casou-se com Abigail Esther de Mattos, então com 39 anos. D. Abigail Siqueira Rodrigues nasceu em Belém a 7 de junho de 1889, filha do Capitão Manoel Raimundo de Mattos, e D. Ursulina Lima de Mattos. Desde cedo, Emílio Goeldi percebeu a importância de incorporar ao Museu os serviços da Mulher, fosse no âmbito científico, como aconteceu com Emília Sneathlage, contratada para trabalhar aqui em 15 de agosto de 1905, fosse no âmbito administrativo, como no caso de Abigail, que contava, ao ser admitida, 18 anos de idade e sua companheira, Anna Carreira Mendes, 13. As três foram as primeiras mulheres que se dedicaram ao serviço público no Pará e as primeiras, também, a trabalhar em uma instituição científica, abrindo caminhos e opções às mulheres nos tempos atuais.

Tanto Abigail quanto Anna Mendes foram nomeadas por proposição de Emílio Goeldi, aprovada pelo governador Augusto Montenegro a 2 de janeiro de 1907, para exercerem efetivamente o cargo de 2º Oficial administrativo do Museu. Permaneceu nessa função Abigail Mattos, até 27 de fevereiro de 1931, quando foi nomeada 1º Oficial. Ainda no cargo anterior casou-se com o Sr. Siqueira Rodrigues. Em fevereiro de 1935 foi transferida do Museu por Decreto de Magalhães Barata, por conveniência de serviço, no mesmo cargo, para a Diretoria Geral de Produção Vegetal, Indústria e Comércio, onde logo depois se aposentou, indo viver, no aconchego do lar, a vida de uma senhora doméstica. Era muito educada e de costumes recatados. D.

Abigail muito unida ao companheiro, não podia mais viver sem ele. Depois de sua morte teve de mudar-se da casa do Museu para o abrigo de parentes. Essas bruscas alterações na velha rotina incomodaram-na a ponto de vir a falecer, pouco mais de um ano depois do marido, a 27 de setembro de 1958.

O Sr. Siqueira Rodrigues orgulhava-se de apresentar um atestado de idoneidade funcional, redigido por Emílio Goeldi a 20 de março de 1907, às vésperas de retirar-se definitivamente para a Suíça, documento importante para se avaliar o grau de habilidade desse servidor e o quanto foi estimado pelos seus superiores. Emílio Goeldi foi muito parco em distribuir atestados elogiosos, mas, quando o fazia, era levado pelo caráter justo do merecimento. O atestado emitido naquela data diz o seguinte:

“O Sr. Rodolpho Siqueira Rodrigues, preenchendo atualmente o cargo de preparador de Botânica, entrou para o Museu, depois de um tirocínio voluntário na taxidermia, faz 9 anos, como ajudante de preparador da Seção de Zoologia. Foi promovido para o atual lugar por convite desta diretoria, quando vagou o referido posto em consequência da morte do predecessor (1902, 9/II).

Estas circunstâncias por si já são assaz significativas para mostrar que o Sr. Rodolpho Siqueira teve um preparo regular em ambas estas disciplinas de história natural, que tem gosto e boa vontade para o exercício das respectivas funções e adquiriu aquela habilidade técnica multilateral, que tão útil e apreciável se torna no organismo mecânico de um Museu.

O Sr. Rodolpho Siqueira ini-

ciou-se outrossim bem no serviço, fotográfico, tanto que ele é atualmente a pessoa encarregada por parte do estabelecimento das respectivas manipulações, sobretudo na parte impressora.

Zeloso e ativo no cumprimento dos seus deveres, mostrou-se sempre servicial além do estrito limite das obrigações, — cortez, inteligente empregado no trabalho de laboratório, como apreciável companheiro em viagens e excursões. Seu caráter e índole são positivamente bons e quanto ao seu comportamento pode-se dizer outro tanto.

Com gosto passo o presente atestado na véspera da minha retirada do cargo diretorial efetivo”.

Além das atividades e cargos exercidos já citados, o Sr. Siqueira Rodrigues acumulou outros serviços, bem como desempenhou várias comissões. Como preparador de Zoologia e Botânica viajou pelo interior do Pará em excursões de coleta de material faunístico e florístico, na ilha de Marajó (1902) em companhia de J. Huber; no baixo Tocantins (1903), em companhia de Emílio Goeldi, Franz Steindachner, Diretor do Museu de Viena, Áustria, e Godofredo Hagemann; no leste do Pará (Zona Bragantina) (1903), em companhia de J. Huber; no rio Guamá até Ourém e ilha das Onças (1903) com Huber e Hagemann e no leste do Pará, novamente (1907).

Após a saída de André Goeldi, primo de Emílio Goeldi, do cargo de Inspetor do Parque Botânico, em 1907, ficou respondendo pelo lugar o Sr. Siqueira Rodrigues, então preparador de Botânica, desempenhando tal função por muitos anos, possivelmente até 1930, pois não havia pessoal para isso.

Pela Lei 2.717 de 6 de novembro de 1928, sancionada pelo Governador Dionísio Bentes, o Sr. Siqueira viu reconhecidos os seus amplos serviços, através do Artigo 1º que determinava: “Fica o Governador autorizado a conceder a R. Siqueira Rodrigues, subdiretor efetivo do Museu Goeldi, disponibilidade no cargo de Diretor do mesmo estabelecimento, com o aumento da quinta parte do respectivo ordenado, visto contar mais de 30 anos de serviço público prestado à mencionada repartição, podendo o funcionário requerer a execução da respectiva lei quando lhe aprovar”.

Parece que o Sr. Siqueira não teve a oportunidade de usufruir desse benefício, pois a interventoria de Magalhães Barata, em 1930-35, não reconheceu a lei, nem os direitos que o mesmo havia adquirido, mantendo-o apenas, como já vimos, no cargo de Oficial Administrativo e depois efetivando-o no cargo de Assistente de Zoologia, até a aposentadoria.

Em 14 de outubro de 1943, o Sr. Siqueira foi autorizado pelo governo a responder pelo expediente da Biblioteca do Museu, em virtude do falecimento do responsável, Gunnar Pirá, um poliglota sueco radicado no Pará, bibliotecário do Museu desde 1931, que permaneceu na função até 19 de janeiro de 1944, quando foi nomeado Heliodoro de Brito, novo bibliotecário. Ainda nesse período, o Interventor Magalhães Barata, pela segunda vez governando o Pará, nomeou uma comissão composta do Dr. José da Cunha Coimbra, Heliodoro de Brito e Siqueira Rodrigues, para a partir de 15 de outubro de 1943 proceder ao tombamento da Biblioteca do Museu. É preciso observar-se que na segunda interventoria, na ditadura

do Estado Novo, Magalhães Barata voltara com os mesmos interesses no desenvolvimento do Museu Paraense, manifestados na primeira, terminada em 1935. O Museu sempre fora a menina dos olhos de Barata, que nutria planos grandiosos para o futuro da instituição, mas que infelizmente, não os pôde levar a bom termo, devido à pobreza do erário público. Em 1943, Barata estava interessado em dar maior expansão à Biblioteca do Museu, tanto no aspecto físico, quanto no seu acervo. Ele achava que a Biblioteca era o maior patrimônio do Museu e, por isso, devia ser melhor preservada, enquanto, paralelamente, seus serviços deviam ser tanto quanto possível colocados à disposição de pesquisadores, professores, estudantes e interessados. Durante 50 anos a Biblioteca do Museu permaneceu em desalinho, com seus livros, periódicos e mapas dispostos desordenadamente, utilizados apenas pelos servidores do Museu e instalada de maneira precária, em duas salas pequenas da porção posterior do prédio central. Até então não havia tombamento, nem fichário e ninguém sabia mais o que ela continha em 1943, devido ao acúmulo contínuo de publicações. Magalhães Barata, depois de verificar aquele desesperante caos e a precária preservação do patrimônio, resolveu transferir a Biblioteca para um prédio próprio, amplo e em condições de ser consultada por quantos quisessem nela estudar. A Comissão antes citada forneceu a Barata os elementos de que precisava para levar a cabo o seu objetivo. O governo de Gama Malcher adquirira em 1942 os últimos prédios que faltavam incorporar ao quadrilátero do Museu, dos quais foi aproveitado aquele situado à esquina da Avenida

Independência com Avenida Alcindo Caceia. Devidamente aparelhado e dotado de belas estantes e mesas de freijó, abrigou o acervo da Biblioteca, inaugurada a 2 de junho de 1945, pelo próprio Magalhães Barata, quando era Diretor o Dr. Mário Sampaio. A Biblioteca tornou-se então um segmento autônomo na estrutura do Museu, mas, convenhamos, isso só foi possível graças aos bons propósitos de Magalhães Barata, com a ajuda de Carlos Estêvão, Mário Sampaio e Siqueira Rodrigues.

Nos derradeiros dias do mês de dezembro de 1944, o Diretor Carlos Estêvão, sentindo-se adoentado, resolveu afastar-se do Museu mediante licença para tratamento de saúde, tendo falecido em 1946, em Fortaleza. Para a Direção do Museu, o governo nomeara o Sr. Siqueira Rodrigues, no dia 2 de janeiro de 1945, permanecendo na função até o dia 18 desse mês, quando foi substituído pelo Dr. Mário Sampaio, naturalista do Museu. O Sr. Siqueira estava já às vésperas da aposentadoria, que ocorreu a 15 de fevereiro. Na aposentadoria, os serviços do Sr. Siqueira são ainda aproveitados, ao compor mais uma Comissão, em 22 de julho de 1946, determinada pelo Interventor Octávio Meira, para juntamente com Paul Le Cointe, antigo cientista francês que vivia no Pará mais de 60 anos e amigo do Museu, e Alois Strympl, este entomólogo do Museu, examinar duas coleções científicas, sendo uma de 1.606 crânios de répteis, aves e mamíferos e outra de material entomológico, que pertenceram ao Dr. Godofredo Hagmann, zoólogo e chefe da Seção de Zoologia do Museu, falecido em maio daquele ano, na casa em que morava, junto ao Sr. Siqueira-



ra. A comissão propôs compra à família de Hagmann, que não aceitou. Somente em 1965 foram essas coleções incorporadas ao patrimônio do Museu.

D. Abigayl possuía uma irmã e um irmão de criação de nome Alcides Mozart de Mattos, que se casou com a senhora Raimunda da Silva Mattos. O filho desse casal foi desde pequenino criado e educado pelos tios Rodolpho e Abigayl, que não possuíam filhos. Esse garoto tornou-se o Sr. Theobaldo Narenda de Mattos, que esteve na companhia do Sr. Siqueira Rodrigues até a morte deste, quando foi morar com seus pais. Tendo o Dr. Walter Egler muita amizade com o Sr. Siqueira, resolveu, após sua morte, introduzir Theobaldo no Museu, para prestar serviços à Biblioteca, onde permaneceu de 1960 até 1968, e depois à administração, onde ficou até 1975. Em junho desse ano, juntamente com três dezenas de outros colegas, foi removido e colocado em disponibilidade. Estas remoções, efetuadas de maneira ardilosa e até hoje inexplicáveis, causaram grandes prejuízos funcionais ao filho adotivo do Sr. Siqueira Rodrigues, com a agravante de menosprezarem a memória do Sr. Siqueira Rodrigues. Theobaldo de Mattos estava muito ligado ao Museu e, ao ser afastado compulsoriamente desse ambiente, que ele tanto conhecia e do entrosamento com colegas, ficou abatido com tanta arbitrariedade com que jamais se conformou, prejudicando com isso sua saúde. Com problemas de coração, veio a falecer a 3 de agosto de 1985 com quase 46 anos de idade, pois havia nascido a 28 de novembro de 1939.

Depois destas anotações sobre a vida do Sr. Siqueira Rodrigues, nós quais procuramos ressaltar as virtu-

des pessoais e os serviços dedicados ao Museu, concluímos que, apesar de tudo isso, a figura desse homem, depois de 32 anos, já se encontra em completo esquecimento. O Sr. Siqueira foi tudo no Museu, só não foi cientista (nem zoólogo, nem botânico), infelizmente. Lamentamos hoje que não tenha feito carreira científica, pois se isso tivesse ocorrido, não estaria tão esquecido. Várias vezes tivemos oportunidade de conversar com ele sobre os motivos que o não levaram a ser um naturalista. Ele teve mestres como Goeldi, Sneath e Hagmann, na Zoologia e Huber e Ducke na Botânica; teve livros e publicações especializadas na Biblioteca do Museu; coleções zoológicas e botânicas à disposição para estudos. O Sr. Siqueira nunca explicou as razões dessa indiferença por uma carreira científica, mesmo como um autodidata. Na prática, ele conhecia bem as espécies de animais, aves e mamíferos particularmente, e espécies vegetais. A sua nomenclatura científica de zoologia e botânica, contudo, era a que vigorava no fim do século XIX e no começo deste século. Não tinha idéia do que era uma subespécie e não entendia por que este táxon tem três nomes. Não compreendia bem por que os nomes mudavam, devido ao aperfeiçoamento dos estudos de taxonomia animal e vegetal. O Sr. Siqueira achava graça nisso e afirmava que tudo eram invenções dos especialistas ou simples mania de mudar as coisas. Este foi o lado negativo de sua vida, lamentavelmente. Não redigiu, nem publicou um trabalho científico, nem ao menos o roteiro de suas excursões ou uma memória de sua vida. Se tal tivesse acontecido, ele hoje seria lembrado e teria marcado a sua passagem pelo Museu de maneira mais convincente ou palpável.

Este é apenas um aspecto de sua existência que não deve empanar

o outro lado, cheio de virtudes, nem sua atividade nessa instituição. De qualquer modo, ajudou o Museu a desenvolver-se e a não sucumbir, um dia. Por reconhecermos o seu valor, traçamos, nestas páginas, ainda que superficialmente, o desenrolar da vida útil desse modesto cidadão. Oxalá que outros consigam realizar a metade do que ele fez nos 60 anos em que serviu ao Museu Paraense Emílio Goeldi, sem ambicionar riquezas materiais e nem usufruir de altas posições.

### **Fontes de Consulta**

- 1847-1957. Arquivos do Museu Paraense Emílio Goeldi.
- 1898-1955. Diário Oficial do Estado do Pará.
- 1897-1957. Relatórios dos Diretores do Museu Paraense Emílio Goeldi.
- 1947-1957. Diálogos particulares do autor com o Sr. Siqueira Rodrigues.
- 1970-1985. Diálogos com Theobaldo de Mattos, sobrinho do Sr. Siqueira Rodrigues, falecido em 1985.